



A DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE ESPERIÊNCIA SOB A ÓPTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO

THE DISCIPLINE OF PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL: AN EXPERIENCE REPORT FROM THE PERSPECTIVE OF DISCOURSE ANALYSIS

Yvisson Gomes dos Santos

Doutor em Educação (UFAL)

Secretaria de Estado da Educação de Alagoas – SEDUC/AL

yvissongomes@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo articula-se com três fragmentos extraídos da nossa pesquisa de mestrado em Educação Brasileira (UFAL) em uma escola pública do ensino médio de Maceió/AL, objetivando analisar os excertos discursivos sob a óptica da Análise do Discurso. De acordo com as entrevistas abertas feitas a dois alunos e a uma professora da disciplina de filosofia chegamos a um paradoxo: a de que nas filigranas das respostas à pergunta - *O que é Filosofia?* - observamos que os discursos em unanimidade representavam uma reprodução da ideologia do *que pode e deve ser dito*, a saber: a representação da perversidade do capitalismo em *desdizer o que se quer ser dito*, obscurecendo ideologicamente o discurso com finalidade à alienação. Tal incursão levou-nos a fazer uma leitura discursiva dos fragmentos analisados e desdobrá-los, de maneira pontual, sobre a ótica historial do processo de exclusão e inclusão da disciplina de filosofia no ensino médio aqui Brasil.

Palavras-chave: Análise do discurso. Filosofia. Ideologia.

ABSTRACT

This article articulates with three fragments extracted from our research masters in Brazilian Education (UFAL) in a public school of secondary education in Maceió/AL, aiming to analyze the discursive excerpts from the perspective of discourse analysis. According to the open interviews with two students and a teacher of the discipline of philosophy we come to a paradox: that the filigree of answers the question - What is

Philosophy? - noted that discourses unanimously represented a reproduction of ideology: that can and should be said, namely the representation of the perversity of capitalism unsay what one wants to be told, ideologically speaking with purpose obscuring the sale. This raid led us to make a discursive reading of the analyzed fragments and deploy them in a timely manner on the historical perspective of the process of exclusion and inclusion of the discipline of philosophy in high school here Brazil.

Keywords: Discourse analysis. Philosophy. Ideology.

1 INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso (AD) é um instrumento teórico e prático que possibilita aos educadores e educandos uma leitura de mundo que não seja especificamente semiológica, mas fundamentalmente ideológica. Pois todo o discurso é ideológico e nele, através do materialismo histórico, observa-se a perversidade do “Capital”, no qual este mantém inquestionavelmente a hegemonia das classes estratificadas, a saber, a dominante e a dominada, prevalecendo primordialmente à classe dominada.

Podemos dizer que com a AD conseguimos exteriorizar nossa pesquisa com maior acuidade, pois a:

Análise do Discurso leva em conta o homem e a língua em suas concretudes, não enquanto sistemas abstratos. Ou seja, considera os processos e as condições por meio dos quais se produz a linguagem. Assim fazendo, insere o homem e a linguagem à sua exterioridade, à sua historicidade (Mendes e Silva, 2005, p. 16).

Para se compreender a AD deve-se se ater a construção histórica da sociedade, e se fazer uso desse instrumento para tentar abarcar os enunciados que se mostram, não somente no texto em si, mas nos desdobramentos do mesmo.

Foi feita uma pesquisa para este artigo através da minha experiência com uma escola pública de Maceió/AL, no qual participamos de uma coleta de dados de discursos de alunos e de uma professora, e perguntamos o que eles entendiam sobre “O que é a Filosofia?”. Chegamos a apontamentos inquietantes a partir do material colhido. E com a AD pudemos fazer interpretação dos fragmentos pesquisados que se mostraram atuais e relevantes a nossa pesquisa.

Para compreendermos o significado da AD devemos inicialmente averiguarmos a etimologia da palavra “discurso”.

De acordo com o dicionário Larousse (1992, p. 366) essa terminologia vem do “latim *discursus*, ação de correr por várias partes. Exposição de ideias, proferida em público, de improviso ou escrita antecipadamente com esse propósito. 2. Oração, fala”.

Ou seja, a palavra discurso em sua raiz etimológica não foge do “senso comum” que temos na modernidade sobre tal definição. Temos a fala, a comunicação que pode ser dirigida a um público qualquer, com determinadas informações frasais que, por sua vez, podem ser compreendidas por um ouvinte ou diversos ouvintes.

Podemos ter outra definição do “discurso” como tudo aquilo que através da linguagem pode haver um emissor e receptor para o franqueamento de uma mensagem, quer seja oralizada, escrita ou de outras formas de comunicação. Essa segunda definição sobre o “discurso” recai aos teóricos da semiótica, e não é a intenção deste artigo de estudá-los. Por que então?

Por que não observaremos o caráter estrutural de um discurso no que tange a sua formação linguística, mas falaremos sobre a “Análise do Discurso”, nascida na Europa e que tem características bem específicas em seu aspecto teórico-prático. O que seria desta sorte a AD?

De acordo com Mendes e Silva (2005, p. 16):

A Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente e procura detectar, então, num texto, como ele significa. Ela o vê como detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa. Portanto, com o estudo do discurso, pretende-se apreender a prática da linguagem, ou seja, o homem falando, além de procurar compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constitui o homem e sua história.

O discurso é um trabalho simbólico que possui significados que foram traçados no processo histórico da sociedade humana. E esses significados são não somente textuais “*a priori*”, mas tem uma ideologia que os cercam, que os circunscrevem, que se articulam com o discurso. Desta feita, podemos aferir que todo o discurso é ideológico, e que teve sua interpretação precípua com o advento da teoria marxiana.

Pois para os pressupostos marxianos a ideologia é uma organização de ideias e conceitos que se direcionam a uma finalidade social e econômica. Ela tem um dos objetivos de não clarificar a estratificação da sociedade capitalista, e os

desdobramentos que isso acarreta no desenvolvimento historial da sociedade do "Capital"¹.

E, também, temos a relação hiperbólica do "Capital" com o processo de alienação do trabalho que transformam os sujeitos em objetos e os objetos em sujeitos (ocorrendo o assujeitamento do indivíduo). E isso pode ser ilustrado através de qualquer discurso que traz em si uma ideologia que captura e/ou prende a liberdade de pensar e de agir do homem no mundo do qual o capitalismo impera.

Podemos agora abranger mais um pouco o conceito de ideologia. Ei-lo:

É um instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas idéias passem a ser idéias de todos. Para isso eliminam-se as contradições entre força de produção, relações sociais e consciência, resultantes da divisão social do trabalho material e intelectual. Necessária à dominação de classe, a ideologia é ilusão, i. é, abstração e inversão da realidade e por isso permanece sempre no plano imediato do aparecer social (Chauí *apud* Brandão, 1986 p.105).

Dizer que o poder da ideologia é de dominação de uma classe abastarda em detrimento de uma inferiorizada, é dizer também que a ideologia, através do discurso, pode e deve alienar aos que não sabem "ler" e "interpretar" os discursos explícitos e implícitos nas teias sociais em que os sujeitos se encontram inseridos. A pura ideia de divisão de trabalho aceita institucionalmente por "todos" possui uma carga ideológica radical, onde o lugar dessa radicalidade é oprimir os sujeitos através da ideologia.

Havíamos dito que a AD era nascida inicialmente na Europa. Ela não se desfez do complexo sistema marxiano, apenas fez uma releitura dos pressupostos do materialismo histórico de Marx para dar uma definição mais pontual ao analisar um discurso, seja ele qual for. Claro que se parte do princípio de que um discurso tem significados e "mais" significados. Pensamos com Pêcheux que:

os indivíduos interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes. [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (1997, p.214).

¹ O Capital na visão marxiana está estritamente ligado a economia, aos meios de produção econômicos que visa a um lucro financeiro (riqueza), e que, por sua vez, sustenta as bases do capitalismo.

A atualização do discurso dominante é o que obscurece e aliena o discurso dos sujeitos envolvidos na trama social do capitalismo, e com esta trama os sujeitos não se compreendem “escravizados” pelas formações discursivas (aquilo que pode e deve ser dito) que são produzidas no seio da sociedade moderna.

O “Capital”, fator preponderante para essa “escravidão” dos indivíduos, denota a riqueza e o lucro produzidos na sociedade capitalista, onde esta pode produzir discursos do opressor em diferentes interfases de enunciação que permeiam o orbe social.

E a filosofia, enquanto disciplina do ensino médio, faz parte também da construção social e cultural da sociedade ocidental influenciada e influenciando os sujeitos da história.

Com o que foi exposto acima, pensemos agora sobre a disciplina de filosofia enquanto construção teórica e prática através de sua história (da história do homem), e que se tornou na atualidade uma disciplina obrigatória na educação brasileira. Desta feita, de que trata a filosofia e qual a sua importância para o ensino médio?

2 A FILOSOFIA SUA HISTÓRIA E ENSINO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE ESTA DISCIPLINA

A filosofia nasceu na Grécia. Em algum tempo do mundo helênico os primeiros filósofos questionaram a realidade vivida. Os pré-socráticos, como amigos da sabedoria, pensavam o mundo hodierno a sua volta. Eles propuseram questões acerca do mundo físico e elevaram suas questões as origens desse mesmo mundo fisicalista. Tudo era água para Tales de Mileto. Tudo era fogo para Heráclito. Tudo era números para Pitágoras de Samos, dentre outros.

Após esse período vêm os primeiros filósofos que pensavam o ensino, os sofistas. Sabe-se que eles se utilizavam do pagamento, da troca de moedas para ensinar. Tinham o poder da retórica que dilacerava opositores com argumentos encadeados numa única premissa: a de convencimento pela via da argumentação. Protágoras foi um desses. Ele afirmava que “o homem era a medida de todas as coisas”, ou seja, o ser que nasceu com uma tamanha perfeição e que se podia ser mensurado pela inteligência.

O ponto culminante desse processo foi o momento antropológico ou o socrático. O homem era agora o objeto de questão, entretanto não se tinham certezas

contundentes como queriam os sofistas. As questões eram de outra ordem: o não saber, o parto das ideias, os diálogos platônicos, as demonstrações da lógica aristotélica etc.

É desse momento que se estabelece uma *Paidéia*, a saber, um ensino desse conhecimento que é amigo da sabedoria. O ensinar da filosofia ali se estabeleceu e hoje somos devedores diretos desse ensino que pensa a razão como imprescindível para argumentar, inquirir o mundo e o próprio indivíduo.

E o ensino da filosofia na atualidade desde sua obrigatoriedade “justifica-se plenamente na formação do adolescente, e sua presença faz-se absolutamente imprescindível no currículo do ensino que lhe é destinado” (Severino, 2009, p. 17). Ou seja, existe uma considerável importância dessa disciplina que advoga o saber e que com este saber ou pensar filosófico encontramos uma radicalidade conceitual que visa à formação intelectual dos sujeitos da educação através de uma postura filosófica, “que interessam não a uma determinada função em particular, mas a todas as pessoas que estão passando por um processo de inserção no mundo da cultura contemporânea” (*ibidem*, p.19).

Não se deve negar que o ensinar filosofia deve passar pelo senso crítico, no qual ele:

É metódico. Além disso, manifesta-se como um patamar superior de compreensão da realidade [...] O que significa isso? Significa que o seu resultado, a sua explicação, explica significativamente o que é um fato, o que é uma situação [...] o senso crítico pode dar-se nos setores de estudos e pesquisas tanto intra quanto extra-escolares (Luckesi & Passos, 2004, p. 41-42).

O senso crítico vai além do senso comum, pois este “é a compreensão da realidade constituída de um conjunto de opiniões, hábitos e formas de pensamento” (*Ibidem*, p. 36), sendo apenas de ordem prática e não científica como é o pensamento crítico. À escola é exigido o pensamento crítico ou o senso crítico para o filosofar.

3 O ENSINO MÉDIO E A DISCIPLINA DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

A filosofia no ensino médio tem algumas características: a de propor a reflexão dos sujeitos envolvidos, de buscar a identidade autônoma dos mesmos, bem como fazê-los emancipados no que atinge o ideário da inteligência e do senso crítico e

autônomo aos estudantes. Temos de nos ater um pouco mais sobre o conceito da autonomia. De acordo com Rodrigo:

[...] a autonomia ou capacidade de conduzir-se por conta própria, em nenhum aspecto é dada ao homem de imediato. Ele nasce extremamente dependente dos cuidados de outros, para que possa sobreviver: deve construir, passo a passo, sua independência aprendendo o caminhar, a alimentar-se e as demais habilidades necessárias aos cuidados de si próprio. Assim, para o ser humano, a autonomia é fruto de uma construção árdua e gradual, inclusive no âmbito intelectual (2009, p. 25).

A autonomia requer dos sujeitos envolvidos a capacidade de compreender e apreender o mundo a sua volta através de um olhar crítico e analítico. Infelizmente algumas vezes encontramos situações em que a disciplina de filosofia é desconsiderada por alunos e professores do ensino médio (citaremos isso no próximo tópico deste artigo).

Mas nem sempre se consegue chegar a uma resposta considerada adequada das orientações curriculares do ensino de filosofia para os alunos do Ensino Médio. Algumas vezes a realidade é diferente, tentando-se adequar a qualidade de ensino da filosofia, algumas vezes cambaleante, com a recepção dos conteúdos filosóficos pelos alunos. É uma tarefa árdua!

Fizemos uma pesquisa para a disciplina “Análise do Discurso na Pesquisa Educacional”, do mestrado em Educação Brasileira da UFAL, no qual extraímos em conversas informais com alunos do ensino médio de uma escola pública de Maceió/AL, a opinião dos mesmos sobre o significado da palavra filosofia.

A pesquisa foi feita com áudio e apresentamos dois fragmentos de alunos do 3º ano do ensino médio e um da professora de filosofia de uma escola pública. Vamos a eles:

Quadro 1. Primeiro fragmento

“EU ACHO QUE A FILOSOFIA É PARA PESSOAS DA CLASSE ALTA. EU FUI CRIADO NA PERIFERIA E AQUI NÃO EXISTE ESSE NEGÓCIO DE AMIZADE À SABEDORIA [...] A AMIZADE AQUI É AO PÃO E A CACHAÇA”
(P. C. C. – ALUNO DO 3º ANO)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2. Segundo fragmento

“ESSA FILOSOFIA DEVERIA SER PARA TODOS, MAS NEM TODO MUNDO ENTENDE A FILOSOFIA POR QUE EU LI NUM LIVRO DE QUE ELA FOI FEITA PARA A ELITE, E COMO SOU POBRE COMO POSSO ESTUDAR FILOSOFIA? É UMA VIAGEM!”

(S. G. L. - ALUNA DO 3º ANO)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2. Terceiro fragmento

“EU ENSINO A DISCIPLINA DE FILOSOFIA PARA DESPERTAR NOS ALUNOS O SENSO CRÍTICO E ARGUMENTATIVO, MAS ELES NÃO LIGAM PRA ISSO. O QUE ELES QUEREM É PASSAR DE ANO. EU ENTENDO QUE ELES SÃO DA CLASSE MENOS FAVORECIDA. DAÍ A FILOSOFIA SÓ SERVEM PARA ELES COMO ADEREÇO, UMA JOIA QUE ORNA, MAS NÃO TEM VALOR [...]”

(C. C. S - PROFESSORA DE FILOSOFIA)

Fonte: Elaborado pelo autor.

4 POSSÍVEIS ANÁLISES

O que se pesar sobre os fragmentos discursivos adquiridos nessa pesquisa? Qual a real situação da filosofia no tocante a perspectiva dos alunos e, principalmente, da professora de filosofia desta escola maceioense?

Como já dissemos noutro momento: todo discurso tem um caráter ideológico. Esse discurso cumpre uma função que algumas vezes tem a finalidade de alienar, de embotar o senso crítico fazendo com que os sujeitos percam a autonomia intelectual e não usem da sua criticidade para pensar o mundo e suas relações simbólicas e sociais com o mesmo.

Começemos com o terceiro fragmento que é da professora. Ela alude as intenções reais da filosofia no ensino médio, o uso do senso crítico e argumentativo. Para em seguida ADMITIR que “eles [os alunos] são da classe menos favorecida”, e por isso não conseguem absorver os conteúdos filosóficos, encarando-a como “joia que orna, mas não tem valor”. Essa opinião da profissional pode em uma outra vertente querer dizer: “como eles são pobres, por que filosofar?”

A questão que se mostra é de que a docente inculta em seu discurso a ideologia do opressor, e faz com que a filosofia seja considerada em outras palavras apenas de aquisição de nota, mas sem valor maior aos seus discentes.

A formação discursiva desta professora torna-se uma paráfrase da cultura do opressor (repete-se), ele retroalimenta a excludência. Concordamos com Courtine “[...] toda sequencia discursiva deve ser analisada em um processo discursivo de reprodução/ transformação dos enunciados no interior de uma formação discursiva dada.” (Courtine apud Brandão, 1986, p. 41).

A reprodução do discurso da professora é certamente igual ao do clássico dilema do capitalismo: a busca do lucro. Ora, a filosofia por ser uma disciplina que tem em seu cerne o “pensamento crítico”, mas encontra limites na escola quando se sabe que o importante é produzir ciência, tecnologia, fazer dos homens trabalhadores de uma ordem social perversa, tal qual o filme *Tempos Modernos* (1933), de Chaplin, no qual tudo é levado a quintessência da produção, e o Estado admite e reforça essa forma de agir.

Devemos pontuar também que a escola em estudo possui uma esquelética infraestrutura nas suas salas de aula, com pouca iluminação e carteiras velhas, e com um IDEB baixo. E a professora desta disciplina de filosofia não é formada nesta área, ela é de pedagogia, e está a disposição da SEE/AL.

Um grande paradoxo: como se pode ter um profissional da disciplina de filosofia capacitado, sendo ele de outra área? É uma questão primordial que é desconsiderada para as “condições indispensáveis para a formação da cidadania plena” (PCN, 1999, p. 328) dos educandos desta escola.

Voltando-nos ao primeiro fragmento, o aluno diz que foi criado na periferia e seu interesse é pão e cachaça. Podemos ler de outra forma: “ora, como posso considerar a filosofia adequada a minha vida se minha professora já em seu enunciado diz que somos da classe baixa?”. Subtende-se que se uma educadora pensa dessa forma, invariavelmente seu ensino será na práxis a sua forma incorreta de pensar.

O segundo fragmento ratifica o primeiro: a leitura da aluna diz que a filosofia nasceu das classes ricas (isso pode ser considerado um fato), e sendo ela pobre como pode estudar filosofia? Mais uma vez mantém-se o discurso de que “TUDO QUE FOR PARA OS RICOS, NADA SERÁ PARA OS POBRES”.

5 OUTRAS POSSÍVEIS ANÁLISES

Em certa época da história brasileira a filosofia foi banida dos currículos escolares, pois foi durante o Regime Militar, em 1964, que se complicou ainda mais o

quadro da filosofia, que desta vez passa a possuir um caráter optativo, sua presença iria depender apenas da boa vontade ou não da direção escolar.

Sabemos que, em se tratando de educação no Brasil, o ensino escolar sempre caminhou em cumplicidade com a ordem política e econômica vigente em cada época de nossa história, então, tanto a estrutura, como o papel educacional das escolas brasileiras estava voltado para reproduzirem a ideologia da atual classe dominante. O governo militar quando assumiu o poder, direcionou a política nacional para atender as necessidades da classe que representava (Ghiraldelli, 2003).

Desta feita, surge uma ideia de que nessa jornada da história da filosofia no Brasil criaram-se ranços e querelas com o pensar filosófico. Somente a partir de 2008 a disciplina de filosofia tornou-se obrigatória no ensino médio. Para se chegar a esse momento, muitas objeções foram feitas para a efetivação da obrigatoriedade da filosofia, como foi na ditadura militar.

O que queremos concluir com os fragmentos citados acima é que o risco de se lecionar filosofia tornou-se “arriscado” (um eufemismo). E em que sentido?

Se eu como professor me deparo com alunos que apenas reproduzem o que eu reproduzo ideologicamente, temos um sério impasse, que é a manutenção do *status quo* estabelecido, qual seja: da relação perversa do Capital e dos enunciados que a classe dominante quer faz prevalecer através da alienação².

Outra análise: o que pensamos também é que com a “intoxicação” dos regimes militares no Brasil, convencionou-se dizer que o que é para ser estudado é tudo aquilo que agrada ao Estado, pois:

O fato novo, inusitado, na atitude dos Governos Militares, é que, enquanto nos períodos anteriores se postulava a retirada da filosofia do currículo por ela ser considerada conservadora e identificada com o ideário clerical, monárquico, contra o qual se fundou a República Brasileira; os Militares a retiravam por ser subversiva, devido ao seu potencial revolucionário, isto é, por insuflar as massas (de estudantes) contra o “Regime” em vigência naquele tempo (Alves *apud* Andrade, 2008, p. 05).

² “Alienação é a condição psico-sociológica de perda da identidade individual ou coletiva decorrente de uma situação global de falta de autonomia. Encerra, portanto, uma dimensão objetiva -- a realidade alienante -- e a uma dimensão subjetiva -- o sentimento do sujeito privado de algo que lhe é próprio” (Autor desconhecido. Disponível em <<http://www.estudantedefilosofia.com.br/conceitos/alienacao.php>> acesso em: Mar. 2015).

Filosofia era considerada subversiva para os regimes ditatoriais. E isso se tornou um agravante para a filosofia no ensino médio. O que queremos dizer é que se a professora do fragmento estudado entende que os alunos têm a filosofia como “adereço”, e que os alunos entendem que a filosofia é para classes altas e abastardas, podemos considerar que a reprodução dos discursos remetem-nos a uma historicização do ensino da filosofia no Brasil com a uma lembrança ao regime militar, nascido do capitalismo, que negava a inteligência e privilegiava tudo aquilo que brilhava feito “ouro de tolo”.

Quando se mantém os aparatos de uma educação não emancipada pode-se correr o risco de reproduzir discursos hiperbólicos e alienantes do “Capital”, ou seja, da prevalência da classe dominante e do esquecimento da classe considerada dominada. Pois:

Essa divisão ganha uma forma específica na sociedade capitalista, opondo, embora de forças diversas, os trabalhadores aos capitalistas [...] a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual se torna um instrumento de dominação do capital sobre o trabalho (Tonet, 2012, p. 55).

Conclui-se que enquanto o sistema de ensino não se ativer sobre essa dualidade entre o trabalho intelectual e o manual, ainda vamos ter uma sociedade em que o ensino de filosofia possui caracteres “eugenistas” e focados numa elite que desdém os menos abastados. O ponto crucial é uma reforma nas esferas de ensino no Brasil que se privilegie a não estratificação social de seus sujeitos, mas a emancipação intelectual e humana dos mesmos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar neste artigo que os discursos dos alunos e professora do ensino médio reproduziram o que as trocas simbólicas do capitalismo e do “Capital” desejavam estabelecer aos mesmos: a manutenção do jogo ideológico-perverso que obscurece a emancipação humana e intelectual dos sujeitos.

A filosofia sendo disciplina obrigatória do ensino médio passou por momentos de esquecimento proposital na ditadura militar, fato que nos fez observar que sendo uma disciplina que promove a autonomia e o pensamento crítico, ela viveu sob um paradoxo: ser aceita ou não no sistema educacional de 1964 em diante. Os

fragmentos pesquisados foram inquietantes, fazendo-nos concluir que há muito a se caminhar para que a disciplina de filosofia seja manifesta com os seus reais sentidos de promoção da criticidade e da emancipação dos sujeitos da educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernanda. **“Não sei por que tanto por quê?” A Filosofia como Disciplina no Primeiro Ciclo no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Barueri (1997-2005)**. 147f. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

AUTOR DESCONHECIDO. **Alienação**. Disponível em <<http://www.estudantedefilosofia.com.br/conceitos/alienacao.php>> Acesso: Mar. 2015.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso** 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1986.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Filosofia e história da educação brasileira**. São Paulo: Monale, 2003.

LAROUSSE. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1992.

LUCKESI, Cioriano Carlos.; PASSOS, Elizete. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. São Paulo: Cortez, 2004.

MENDES E SILVA, Maria Alice Siqueira. **Sobre a análise do Discurso**. Revista da Psicologia da UNESP, 4(1). São Paulo: UNESP. Disponível em <<
<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/30/55>>>
Acesso em: mar. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso** (AAD-69). In GADET, F. e HAK, T. (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução às obras de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores associados, 2009 (Coleção formação de professores).

SEVERINO, Antônio. Joaquim. **Desafios atuais do ensino da filosofia**. In: TRENTIN, Renê; GOTO, Roberto (org.). A filosofia e seu ensino: caminhos e sentidos. São Paulo: Loyola, 2009.

TONET, Ivo. **Educação e evolução**. In.: BERDOLDO, Edna *et alii* (org.). Trabalho, Educação e Formação Humana: entre a necessidade histórica da revolução. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

Recebido em: 08/08/2014

Aceito em: 15/01/2024